

As fotografias dos índios do Rio Negro de Curt Nimuendajú do acervo fotográfico da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira do Museu do Estado de Pernambuco

Renato Athias¹

As fotografias da Coleção Etnográfica Carlos Estevão, compreendem mais de mil fotografias que chegaram ao Museu do Estado de Pernambuco, juntamente com a coleção, em 1946. Essas fotografias estão sendo trabalhadas sistematicamente, por mim, desde 2005, quando resolvemos colocá-las em lugar mais apropriado e orientar pesquisas antropológicas sobre as mesmas. “Para nossa surpresa, assinala Karla Melanias (2006), já que não tínhamos praticamente nenhuma informação sobre esse acervo fotográfico, especialmente porque desconhecemos até o presente momento qualquer fonte bibliográfica sobre essa coleção de fotografias especificamente, encontramos uma quantidade considerável de fotografias guardadas nas estantes da biblioteca do Museu. Pode-se de imediato perceber a riqueza de informações na visualidade etnográfica dessas imagens que registraram a cultura indígena em sua diversidade e a mantiveram observável em fragmentos de imagens até a atualidade” (MELANIAS 2006:20).

As fotografias que são o objeto principal desse artigo foram exibidas durante a 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, em Julho de 2012, em São Paulo. Esta exposição foi organizada pelos colegas Selda Vale da Costa, Andreas Valentin, e por mim, intitulada *Imagens da Amazônia* (veja texto de

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco e Coordenador Geral de Museus da Fundação Joaquim Nabuco. A primeira versão deste artigo foi apresentada no II Seminário de Museologia e Contemporaneidade no dia 11 de Maio de 2012, e na Conferência no Museu do Estado de Pernambuco, no dia 23 de Junho de 2012 e em seguida durante a 28ª. RBA. Gostaria de Agradecer os comentários de Nilvânia Amorim Barros, Wilke Melo, Michael Kraus, Denise Portugal Lasmar, e Ernst Halbmayer, John Hemming e Beth Conklin.

abertura da exposição no anexo). Em seguida, a exposição recebeu o apoio dos organizadores da SALSA.... E Todas elas fazem parte da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira (CECEO), do Museu do Estado de Pernambuco; estão atribuídas por mim a Curt Nimuendajú. Não existe, na documentação desta imensa coleção, nada que nos possa informar sobre quem foi o fotógrafo para esse conjunto de 33 fotografias, sem negativos, dispersas no acervo, e reunidas por mim, sobre os índios do Rio Negro.

Logo que tive acesso ao conjunto de cartas escritas por Curt Nimuendajú, reunidas e publicadas por Thekla Hartmann (NIMUENDAJÚ 2000), li com muito interesse todas as que se referem à sua viagem ao Rio Negro, realizada em 1927. Em uma dessas cartas, ele informa a Carlos Estevão, ter levado negativos, e que havia feito fotografias durante sua viagem. E comentou que gastou seus últimos negativos na aldeia de Urubuquara, no Rio Uaupés (NIMUENDAJÚ 2000:112). Eu sempre me perguntava onde estariam tais fotografias, pois, no texto de seu relatório de 1927, ao SPI, organizado e publicados por Alfred Métraux, em 1950 e 1955, no *Journal de la Société des Américanistes*, não continha nenhuma fotografia.

A Coleção Etnográfica Carlos Estevão (ATHIAS 2003), constitui-se em um valioso acervo de objetos etnográficos, arqueológicos, fotográficos e documentais estimados em mais 3.000 peças adquiridas entre os anos de 1909 a 1946, quando o pernambucano, advogado, poeta e naturalista, trabalhou na região Amazônica, ocupando importantes cargos no Estado do Pará, como promotor público em Alenquer, funcionário público em Belém, e por fim, Diretor do Museu Paraense Emílio Goëldi, função que exerceu até sua morte, em junho de 1946. Esta coleção que compreende objetos de 54 povos indígenas, mostrando uma variedade de artefatos que faziam, e ainda fazem, parte da vida cotidiana desses povos. As exposições permanentes, e as diversas mostras itinerantes organizadas pelo Museu do Estado de

Pernambuco indicam quão importante é essa coleção para se observar as riquezas, a vida, as tradições, e os aspectos culturais dos povos indígenas do Brasil.

Karla Melanias apresenta, em sua dissertação de mestrado, um detalhamento de como nós encontramos estas fotografias e nos dá uma ideia sobre o estado geral da coleção em 2005. Ela informa que o acervo não se encontrava até então digitalizado, e que o estado físico dessas fotografias também não permitiria manipulá-las para um estudo mais detalhado. Outra questão, que nos parece relevante, diz respeito à mencionada insuficiência de informações básicas sobre esse acervo fotográfico. Estas fotografias são bicolores, ou seja em sépia, dispostas em vários tamanhos e formatos de papel fotográfico, e distribuídas em dois álbuns originais e dez fichários, mantidos em estantes na biblioteca e na reserva técnica do Museu. A pesquisadora assinala que o estado de conservação dessas fotografias era “precário e os papéis fotográficos se encontravam em estágios diferentes de deterioração, correndo o risco iminente de serem totalmente perdidos” (MELANIAS 2006:11). Grande parte das fotografias se encontram nesse estágio.

Encontram-se nessa coleção, centenas de fotos de Curt Nimuendajú, de vários períodos de sua atividade indigenista. As mais impressionantes são aquelas que ele fez dos Parintintin. Por exemplo, na fotografia abaixo, do posto de atração, pode-se perceber como estão deterioradas.



*O Porto de Pacificação dos Parintintim
visto da margem opposta do Maicymirim.*

1. (legenda escrita por Nimuendajú no verso da fotografia)

Percebe-se muito bem os detalhes escritos a mão por Curt Nimuendajú, no verso das fotografias. Esses detalhes que dizem muito mais que o local. Encontramos um número muito grande de fotografias legendadas pelo próprio Nimuendajú. Não é o caso das fotos sobre os índios do Rio Negro que se encontravam dispersas em diferentes álbuns e sem legendas. E aqueles que tinham anotações, notadamente foram escritas por outra pessoa. Ou, ainda a seguinte foto abaixo, cuja a legenda permite, eventualmente, identificar o fotógrafo, pois Nimuendajú, tinha um modo peculiar de registrar e escrever em suas fotografias.



Bruê, chefe dos Xerente (1), perante a Aldeia reunida, transmittindo a mim (2) os objectos magicos (dentro da caixinha na minha mão direita), a cantiga e a pintura que elle ha annos recebeu do planeta Jupiter e que possuem a força de impedir que uma eclipse solar se prolonga infinitamente. A camera foi collocada por mim e disparada por um menino indio. Aldeia da Providencia, 20. V. 1937.

Luit Nimmendajú

2. Frente e Verso da fotografia de Nimuendajú sobre os Xerente de 1937

Em 2008, iniciei um projeto de pesquisa, com o importante apoio de Margot Monteiro, diretora do Museu, e com recursos financeiros da Fundação do Amparo a Pesquisa de Pernambuco (FACEPE), com a finalidade de trabalhar os aspectos de conservação, catalogação e divulgação da coleção como um todo. A partir dessa data, a coleção passou por todo um processo de digitalização, até os dias de hoje, e grande parte deste acervo já se encontra disponibilizado para pesquisa. Alguns trabalhos acadêmicos surgem sobre essa coleção tanto no Curso de Ciências Sociais, Museologia, como no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Em 11 de novembro de 2009, foi inaugurado o acesso *online* da segunda etapa da digitalização desse acervo fotográfico, na internet, na sede da FACEPE, pelos professores Diogo Ardaillon Simões e Alfredo Arnóbio de Souza Gama, Presidente e Diretor Científico da FACEPE, respectivamente.

Ainda falta colocar *online* todo acervo documental existente, que possibilitará ampliar as pesquisas.

Diferentemente de outros acervos fotográficos de índios do século XIX e XX, este conjunto de fotos está longe de documentar o exótico, tal como comenta Stephen Nugent (2007) ou mesmo, Fernando de Tacca (2011), ou ainda na perspectiva de Marc Piautl (2002), que estudou o acervo fotográfico da Comissão Rondon. O conjunto de fotografias em questão, nos parece que foi organizado pessoalmente por Carlos Estevão, como um conjunto de fotografias de trabalho pessoal. Muitas dessas fotografias retratam os objetos em primeiro plano. Existe um outro conjunto de fotos nessa coleção, também de Nimuendajú, sobre os Kaiapó/Gorotire e os Ramkokamekrá², que mostram, por exemplo, uma espécie de passo-a-passo sobre o uso de acangataras e outros objetos de uso geral. Tal como se vê entre essas 33 fotografias sobre os índios do Rio Negro, o cotidiano indígena é registrado com um interesse etnográfico, que mostra aspectos culturais da vida desses índios. Existem fotografias retratando apenas objetos onde se pode perceber a maneira como eram utilizados. Entre esse conjunto de fotos existem duas fotografias de objetos domésticos em primeiro plano, dentro de uma cozinha no fundo de uma maloca. Parece então, que essas fotografias eram utilizadas junto aos acervos etnográficos para responder às perguntas práticas de como esses objetos eram usados pelos índios; portanto, longe de mostrar o exótico, mostravam a realidade em que estavam vivendo. Nesse aspecto, se percebe nessas fotografias de Nimuendajú, um grande interesse em registrar a situação desses índios.

Em conversas que mantive com Gertrudes Gomes Lins, Icléia Braga Mascarenhas e Mariza Varella, da reserva técnica do MEPE, que conviveram com Lígia Estevão de Oliveira, curadora da coleção por muitos anos,

2 Esse conjunto de fotografias é sobre as festa do Kokrit, muito bem descrita por Nimuendaju (1936) e grande parte deste conjunto nunca foi publicado (AMORIM 2013).

obtivemos a notícia de que ela utilizava bastante essas fotografias colocando-as junto à exposição de parte dos objetos da coleção no Museu, que montou durante os anos em que trabalhou no museu do Estado de Pernambuco.

Durante os anos de 1920 a 1946, em que Carlos Estevão foi diretor do Museu Paraense Emílio Goëldi, ele teve a oportunidade de encontrar-se com diversos pesquisadores e etnólogos que por ali passaram. Neste período, ele manteve uma relação³ privilegiada com Curt Nimuendajú, etnólogo e pesquisador do Serviço de Proteção dos Índios (SPI), com o qual teve oportunidade de escutar e ler os seus principais relatos etnográficos, incentivando-o a elaborar um mapa etnolingüístico dos povos indígenas do Brasil, cujo original, confeccionado em papel canson, tintas nanquim e aquarela, encontram-se entre os objetos da Coleção Etnográfica do MEPE, tendo como base o famoso mapa etno-lingüístico de Carl Friedrich Philipp von Martius, de 1867⁴. Atualmente, este mapa etnolinguístico é referência para todos os que estudam os povos indígenas do Brasil (IBGE 1981). Carlos Estevão, segundo minha opinião, certamente participou durante muitos anos da “irrequietude”, como muito bem descreve Michael Kraus, em seu panegírico sobre Curt Nimuendajú, publicado na revista Humboldt do Instituto Goethe (KRAUS 2009). Interessante notar que John Hemming percebeu a pessoa de Curt Nimuendajú como sendo bastante sensível, e por isso, ele pôde notar, através de seus escritos, uma certa “raiva” pela difícil situação em que viviam os povos indígenas. Pessoalmente, concordo com John Hemming, quando leio, por exemplo, o texto de Nimuendajú sobre a sua viagem no trecho do Rio Uaupés, em 1927, por exemplo (HEMMING 2003:174), quando ele se revolta na última festa de Jurupari, realizada

3 Sobre essa relação conferir importante publicação intitulada: “Cartas do Sertão” organizada por Thekla Hartmann com as correspondências de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de 1920 as 1944.

4 *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens* (1867), é a obra clássica de Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), é uma importante fonte de conhecimento de muitas línguas e povos do Brasil Indígena.

pelos Tariana de Urubuquara, e que Darcy Ribeiro, reproduz integralmente no seu livro: “Os Índios e a Civilização”.

Eu vi essas fotografias pela primeira vez em 2003, espalhadas em diferentes álbuns no acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão, sem muito fazer as conexões que faço hoje. E em 2006, durante o processo de orientação da dissertação de Karla Melanias, tive oportunidade de observá-las novamente. A partir daí, comecei a fazer as primeiras associações com a viagem de Curt Nimuendajú, em 1927, nas áreas indígenas do Rio Negro, e, sobretudo, colocá-las para formar um conjunto mais possível geograficamente, uma vez que eu tinha realizado uma viagem, em 1996, com o mesmo itinerário efetuado por Nimuendaju em 1927 (NIMUENDAJÚ 1950). Para mim, que conheço muito bem toda região do Alto Rio Negro, não foi muito difícil colocar todas essas fotografias em um mesmo álbum, tal como elas estão dispostas hoje, pois possuem uma indicação do lugar onde foi retratado e informação sobre as pessoas que aparecem na foto em uma legenda escrita (em algumas, à lápis) no verso das fotografias. A caligrafia usadas nessas legendas indica que não foi Curt Nimuendajú quem escreveu. Eu imagino que tenha sido talvez ditado por ele à Ligia Estevão, filha de Carlos Estevão, que foi sua aluna no Curso de Etnologia no Museu Goëldi, e que dedicou praticamente toda a sua vida cuidando desse acervo, em memória de seu pai. Ao colocar essas fotografias todas juntas e verificar os lugares que elas retratam, nos é permitido afirmar que foram tomadas por Curt Nimuendajú, e realizadas na sua famosa viagem de 1927, muito bem relatada em seu texto “Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés”. Nestes últimos anos, venho trabalhando para entender essas fotografias, e, sobretudo, procurando saber realmente quem foi o fotógrafo dessas 33 imagens dos índios do Rio Negro do acervo do Museu do Estado de Pernambuco.

Este acervo fotográfico, como assinalamos em outras ocasiões (ATHIAS 2003), não possui os negativos e seu estado de conservação, como disse anteriormente, não é bom. As situações retratadas são de situações, pessoas, lugares e monumentos importantes na mitologia indígena do Rio Negro. Como muito bem disse João M. Braga de Mendonça (2009), Nimuendajú utilizava as fotografias como uma alavanca para a sua própria memória quando ia escrever seus trabalhos. Exatamente por isso, tenho a convicção que essas imagens pertencem ao olhar de Nimuendajú, pois ao ler “Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés”, podemos encontrar os detalhes dessas fotos, como se fossem uma grande legenda. Nesse texto, encontramos os motivos pelos quais Nimuendajú fez essas fotografias, e outras que ainda não sabemos onde estão.

O referido texto foi publicado em forma de artigo pela primeira vez, acredito, editado por Alfred Métraux, no Journal de la Société des Américanistes, em 1950, no volume 39 e nas páginas 125 a 182. E, pela segunda vez, em 1982, numa coletânea intitulada: Curt Nimuendajú - Textos Indigenistas, organizada por Carlos Moreira Neto e o Paulo Suess para as Edições Loyola. Existem pequenas divergências entre as duas publicações, e isso será motivo de outro artigo. Este texto trata, na realidade, de um relatório de Curt Nimuendajú ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Inspetoria do Amazonas e Acre. A segunda parte desse relatório foi publicada em 1955⁵, com o seguinte título: “Reconhecimento dos rios Icána, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927: Apontamentos linguísticos”, também no Journal de la Société des Américanistes, no tomo 44, páginas 149-178. Constitui-se de um conjunto de informações etnográficas e linguísticas, coletadas durante esta famosa viagem de 1927. Seria interessante investigar como estão dispostos esses dois textos nos arquivos do Museu do Índio, que é o depositário do acervo do antigo SPI.

5 Nessa edição Nimuendajú faz referência a outra parte desse mesmo relatório publicada na Revista del Instituto de Etnologia de Tucumán, t. II, 1932, p. 590-618.

Outra parte desses apontamentos linguísticos foram publicadas em 1932 na revista de Etnografia de Tucuman.

Ainda sobre informações fotográficas dos índios do Rio Negro dessa mesma época, encontra-se presente o relatório do Inspetor Bento de Lemos, de 1931, da 1^a. Inspetoria do SPI, em Manaus, que contém outras tantas fotografias, com as quais eu mesmo havia tido contato quando ainda era o Diretor-Responsável do Jornal Porantim, em Manaus em 1979. Algumas dessas fotos, publicadas nesse relatório, não tenho certeza se podem ser atribuídas a Nimuendajú, mas, Bento de Lemos deve ter recebido do próprio, quando esteve hospedado em sua casa, em Manaus, durante a ida para São Gabriel, e quando voltou. Mas, acredito que essas fotos do Relatório de Bento de Lemos não sejam de Curt Nimuendajú. Acredito que algumas delas tenham sido entregues pelo fotógrafo Philip Von Luetzelburg, pois no relatório contém fotografias realizadas no Rio Papuri e Tiquié, lugares que não fora visitado por Nimuendajú.

O nosso colega, Joaquim Melo que escreveu uma importante dissertação de mestrado (2007) sobre a atuação do SPI nesse período, teve a gentileza de me enviar uma cópia do relatório de Bento de Lemos. Como o texto desse relatório é uma fotocópia de um arquivo microfilmado, e as fotografias não estão identificadas no relatório, se torna muito difícil a afirmação sobre quem teria sido o fotógrafo dessas imagens. É evidente que muitas pessoas viajaram por essa região, sobretudo após a publicação do importantíssimo livro de Theodor Koch-Grünberg (1906), que realiza uma brilhante etnografia dos povos dessa região, e que foi traduzido para o português cem anos depois⁶. E, nesse caso, o mais interessante é que Curt Nimuendajú, não só percorre o mesmo trajeto realizado por Koch-Grünberg,

6 Koch-Grünberg morre rápida e tragicamente no Brasil, em 1924, depois de ter contraído uma forte malária. Ele estava justamente na região amazônica explorando o Rio Branco (afluente do Rio Negro) com o médico, geógrafo e explorador Alexander H. Rice Jr, e o português, residente em Manaus, Silvino Santos. O filme dessa expedição foi realizado pelo próprio Silvino e está intitulado "O Caminho do Eldorado". Sobre esse filme consultar Selda Vale da Costa (1987).

como também utiliza-se da mesma logística informada por ele em seu livro de 1906. E aqui temos a informação que ele também se correspondia com Koch-Grünberg, pois em “Cartas do Sertão” (2000)⁷, Nimuendajú cita claramente o apoio de Germano Garrido de São Filipe do Rio Negro como seu principal colaborador nessa viagem (2000:108), tal como Koch-Grünberg. Michael Kraus (2009), dá ênfase à profunda amizade entre os dois quando cita um trecho de uma carta de Koch-Grünberg para Nimuendajú: *“Aquilo de que os dois gostavam um no outro já tinha sido formulado por Koch-Grünberg no encerramento de uma carta de 1915: “Passe bem e volte a me escrever logo. Suas interessantes cartas são para mim sempre motivo de grande alegria, sobretudo porque há um forte laço que nos une, a afeição por essa pobre humanidade morena!”*.

Entre 2011 e 2012 tive várias conversas e troca de e-mails com pesquisadores sobre esse conjunto de fotografias e buscado uma identidade para o fotógrafo desse rico material imagético e etnográfico que é a Coleção Etnográfica Carlos Estevão que se encontra entre os principais acervos do Museu do Estado de Pernambuco.

Denise Portugal Lasmar (2000) foi importante pesquisadora do Museu do Índio e exímia conhecedora do acervo fotográfico da Comissão Rondon. Ela sugeriu que eu comparasse as fotografias encontradas no acervo do Museu do Estado de Pernambuco com as do álbum fotográfico do Acervo do Museu do Índio, contendo fotos desse mesmo período do fotógrafo Philip Von Luetzelburg. Foi extremamente interessante realizar essa comparação. Na realidade, as fotos desse álbum são de 1928, um ano depois da viagem do Curt Nimuendajú. E, realmente, Luetzelburg faz o mesmo trajeto de viagem no Rio Negro que Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú, e talvez, aqui é uma suposição minha, utilizando-se do mesmo apoio logístico de Germano Garrido de São Filipe, tal como fez Koch-Grünberg e o próprio Curt

7 Sobre a obra Cartas do Sertão, ver: AMOROSO, Marta Rosa. Nimuendajú às voltas com a história. Revista de Antropologia, 2001, vol.44, n.2, USP São Paulo pp. 173-188

Nimuendajú. Ele deve ter providenciado as canoas e os remadores indígenas para a viagem aos rios Içana e Aiari. Entre as fotografias de Luetzelburg, existem duas fotografias da Maloca de Pari Cachoeira e imagens do Papuri, locais que Nimuendajú não menciona em seu relatório, o que acho muito estranho, em função do trajeto semelhante. Isso significaria que Luetzelburg deve ter ficado muito mais tempo na região que Nimuendajú, para ter viajado pelos Rios Papuri e Tiquié.

Recentemente, durante o 54º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Viena, me encontrei com o Prof. Ernst Halbmayer, da Universidade de Marburg, e em nossa conversa sobre essas fotografias ele me sugeriu seguir as fontes de Berlim. Logo em seguida, entrei em contato com o Prof. Michael Kraus, do Museu Etnológico de Berlim. Em nossa troca de informações, ele me informou que existe um artigo, publicado por Luetzelburg em 1941, intitulado "Amazonien als organischer Lebensraum", que menciona detalhes de sua viagem no Rio Negro, em 1928. No anexo existem seis fotografias tiradas por ele, uma delas mostrando a Maloca Tukano, de Pari Cachoeira, no Rio Tiquié.

O professor Kraus não tinha conhecimento das fotografias encontradas por mim no acervo do MEPE. Ao ter conhecimento dessas imagens, ele concordou com minhas observações. E, de acordo com o seu conhecimento de outras fotos, ele também acredita que as fotografias da Coleção Etnográfica Carlos Estevão podem ser atribuídas a Curt Nimuendajú. Nesse aspecto, tenho quase certeza, pois como disse antes, os lugares mencionados no relatório de Curt Nimuendajú de 1927, são todos mencionados nas legendas em lápis nas fotografias da CECEO, como assinalamos anteriormente.

Na minha investigação, por indicações de Denise Portugal, eu encontrei um grupo de 45 fotografias de Luetzelburg no Acervo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, em um álbum de fotografias intitulado: *Im*

Stromgebiet des Rio Negro. Em uma primeira observação realizada recentemente, posso dizer que não existe correspondência entre as fotografias, e sim, entre alguns lugares mencionados, que são os mesmos visitados por Nimuendajú, em 1927, com exceção a Pari-Cachoeira e das fotografias do Rio Papuri, como falei anteriormente. Neste grupo de fotos, existe uma imagem do Tuxaua Mandu, que parece ser a mesma pessoa que está no acervo da CECEO do Museu do Estado de Pernambuco, cuja legenda está dizendo: Tuxaua Mandú, Waliperi-Dakenay, Maloca Cururu, no Ayari, legenda diferente daquela que está no álbum de Von Luetzelbug. Tenho certeza de que se trata da mesma pessoa fotografada, mas aparentemente não é o mesmo fotógrafo. Abaixo, coloco algumas fotos da CECEO e que constam da exposição que foi inaugurada na 28ª RBA, em julho de 2012, em São Paulo. São seis fotografias, tais como estão guardadas no Museu do Estado de Pernambuco, com as legendas tais como estão escritas, e mostrando as condições nas quais elas se encontram hoje, nesse acervo. Nosso projeto, com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e a Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), está permitindo que parte dessas fotografias sejam digitalizadas, e que passem por um tratamento de imagem, recuperando o seu contexto geral.

Abaixo um conjunto de fotografias mostrando o estado de conservação antes de passar por uma processo de recuperação digital.



3. Rio Uaupés índios Wanana, maloca Yutica. Dançadores



4. Rio Uaupés, Índios Tariana, maloca Yauarete



5. Rio Uaupés, Índios Wanana, maloca Taínya



6. Índios Waliperi-dakenai. O velho Tushaua Mandu



7. Índios Hohodene,dirigindo-se para a maloca Tucano



8. Rio Içana. Índios Mapanaí. Maloca Yandu

Curt Nimuendajú em uma de suas cartas a Carlos Estevão, muito bem selecionadas por Thekla Hartmann, no volume Cartas do Sertão, nos informa claramente que viajara em 1927, em seu reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés, com uma câmera fotográfica. Portanto, acredito que estas fotografias, encontradas no acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira, jamais publicadas, são de fato de Curt Nimuendajú, pois nessa carta ele escreve que gastou os últimos negativos em uma festa de Jurupari entre os Tariana de Urubuquara. Ele se refere a esse momento desta forma:

“....gastei os meus últimos filmes com esta gente divinamente bela na sua robusta nudez, no seu esplendor dos seus enfeites selvagens. Eram mais de 120 índios, e não me fartei de observá-los durante a noite toda nas suas danças ao clarão da fogueira em redor dos possantes esteios da enorme maloca e quase chorei de indignação e de raiva impotente quando me lembrava que esta festa de fato poderia ser a última. Porque eu ia embora e João Padre ficava...”(NIMUENDAJÚ 2000:112)

Onde estão estas fotografias da festa de Urubucuará? É uma grande pergunta. Ou será que Curt Nimuendajú foi extremamente respeitoso de não revelar essas fotos por conterem as flautas de jurupari, proibido aos olhares das mulheres? Porém, a pergunta continua. Onde estão esses negativos?

Referências Bibliográficas

ATHIAS, R. A. Diversidade cultural dos índios no olhar de Carlos Estevão. In: ARAUJO, Betânia Correia. (Org.). **O Museu do Estado de Pernambuco**. São Paulo: Banco Safra, 2003, p.284-317.

ATHIAS, R. Carlos Estevão, a Gruta do Padre e os Pankararu de Itaparica, PE. **Imagens e palavras** [online]. Disponível em: <http://renatoathias.blogspot.com> . Acesso em: 26 ago. 2012.

CAMARA JUNIOR., MATTOSO, J. A obra lingüística de Curt Nimuendaju. Rio de Janeiro : Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1959. (Publicações avulsas, n.29)

CHAUDON, Gilberto Emilio. Curt Nimuendaju, vulto da etnologia brasileira. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, n.143, p. 216-221, 1991.

COSTA, Selda Vale da. **Eldorado das ilusões** : cinema e sociedade - Manaus (1897-1935) Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

DAMATTA, R. Mito e antimito entre os Timbira. In: _____. **Mito e linguagem social**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

HALBWACHS, Maurice. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, IBGE, 1981.

HEMMING, John. A Fresh Look at Amazon Indians: Karl von den Steinen and Curt Nimuendajú, Giants of Brazilian Anthropology. **Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, v. 1, n. 2, p.163–178, 2003.

KOCH-GRUNBERG, Theodor. **Zwei jahre unter den indianern**: reisen in nord west Brasilien, 1903-1905 = **Dois anos entre os índios**: viagens no Noroeste do Brasil. Berlin: Ernst Wasmuth, 1909 und 1910.

KRAUS, Michael. Amizades assimétricas : Curt Unckel Nimuendajú (1883–1945) e o estabelecimento de contato com indígenas brasileiros. **Revista Humboldt**, Instituto Goethe, maio/2009.

LARAIA, Roque de Barros. A morte e as mortes de Curt Nimuendajú. Brasília: Departamento de Antropologia/Instituto de Ciências Humanas/UnB, 1988. (Série Antropologia, n. 64)

LASMAR, Denise Portugal. **O acervo imagético da comissão Rondon no Museu do Índio 1890-1938**. Rio de Janeiro : Publicações avulsas do Museu do Índio, 2000.

MELANIAS, Karla. "**Espelho**" de Memória: a fotografia na coleção etnográfica Carlos Estevão de Oliveira do Museu do Estado de Pernambuco.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MELATTI, J. C. Curt Nimuendajú e os Jê . Brasília: UNB, 1985. (Série Antropologia)

MELO, Joaquim Rodrigues de. **A política indigenista no Amazonas e o Serviço de Proteção aos Índios: 1910-1932** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.

MENDONÇA, J. M. O fotógrafo Curt Nimuendajú : apontamentos de antropologia visual no Brasil. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 13, v. 20, n. 1+2, p. 121-152, 2009.

MÉTRAUX, Alfred. Curt Nimuendajú (1883-1946). **Journal de la Société des Américanistes**. v. 39, n. 1, p. 250-251, 1950.

NAMER, G. **Halbwachs et la Memoire Sociale**. Paris : L'Harmattan, 1999.

NIMUENDAJÚ, Curt. In: HARTMANN, Tekla (Org.). **Cartas do sertão de Curt Nimuendajú a Carlos Estevão de Oliveira**. Lisboa : Museu Nacional de Etnologia, Assírio & Alvim, 2000.

NIMUENDAJÚ, Curt; LOWIE, Robert H. The Dual Organizations of the Ramko'kamekra (Canella) of Northern Brazil. **American Anthropologist**, Berkeley, v. 39, n.4, p. 568-570, oct-dec.,1937.

NUGENT, Stephen. **Scoping the Amazon**: image, icon, ethnography. Walnut Creek: Left Coast Press/Berg, 2007.

PAES, Francisco Simões. Rastros do espírito : fragmentos para a leitura de algumas fotografias dos Ramkokamekrá por Curt Nimuendajú. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 267-307, 2004.

PEREIRA, Nunes. **Curt Nimuendajú**: síntese de uma vida e de uma obra. Belém, Pará, 1946.

PIAULT, Marc-Henri. O corpo nu dos índios e o soldado redentor: da indianidade e da brasilidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

SAMAIN, Etienne. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 6, p. 141-158, 1998.

_____. "Ver" e "dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 2, p. 19-48, 1995.

TACCA, Fernando de. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan.-mar. ,p.191-223, 2011.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. O mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 61., Manaus, 2009. **Anais...**

Anexo: Texto de abertura da Exposição na 28ª RBA São Paulo 2 a 5 de Julho de 2012:

Imagens da Amazônia

Andreas Valentin, Renato Athias e Selda Vale da Costa

Imagens da Amazônia reúne um conjunto de três exposições de fotografias especialmente selecionadas para esta 28ª Reunião Brasileira de Antropologia. O primeiro conjunto foi selecionado por Selda Vale da Costa, do acervo de Silvino Simões Santos Silva (Cernache do Bonjardim, 1886 — Manaus, 14 de maio de 1970). Silvino foi fotógrafo e cinegrafista luso-brasileiro que se estabeleceu em Manaus, tendo sido o autor, juntamente com Agésilau Araújo (filho do Comendador J.G. Araújo), do clássico documentário em branco-e-preto sobre a Amazônia intitulado *No Paiz das Amazonas* (Brasil, 1921). Silvino Santos retrata a exploração da borracha no "Paíz das Amazonas". O outro conjunto de fotografias foi selecionado, por Andreas Valentin entre as fotografias de George Huebner (Dresden, 1862 - Manaus, 1935). O fotógrafo alemão Huebner se estabeleceu em Manaus no final do século XIX. A sua obra apresenta as possibilidades técnicas e representacionais da fotografia na/e sobre a

Amazônia. Aproximando-se da botânica e da emergente etnologia alemã, Huebner dirigiu sua câmera também para os indígenas da Amazônia, fotografando-os no campo, e em seu estúdio, “Photographia Allemã”, instalado no centro de Manaus durante o apogeu da economia da borracha. E o terceiro conjunto de fotografias foi organizado por Renato Athias retiradas do acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira do Museu do Estado de Pernambuco. Estas fotografias são atribuídas a Curt Nimuendaju, e todas elas retratam os povos indígenas do Rio Negro no ano de 1927.

Todos os três fotógrafos têm em comum as suas relações com cientistas, instituições de pesquisas nacionais e instituições européias e, principalmente, suas amizades, e parceria profissional, com o naturalista Theodor Koch-Grünberg, que possibilitou uma visibilidade internacional para Huebner, Curt Nimuendaju e Silvino Santos. Nas inúmeras cartas de Huebner enviadas para Koch-Grünberg, ele menciona, algumas vezes, Nimuendajú (“... um excelente etnógrafo”) e Silvino Santos (“as fotografias dos índios Huitotos no rio Putumayo ... são de um jovem de nome Santos”). Na correspondência entre Curt Nimuendajú e Carlos Estevão, publicadas no livro “Cartas do Sertão” (organizado por Thekla Hartmann), Nimuendajú faz referência a sua viagem entre os povos indígenas do Rio Negro.